

RUA BELMIRO DIAS DA SILVA

Decreto 4648 de 02-05-1975, Artigo 1º, Inciso III
Protocolado nº 35.174 de 18-12-1974

Formada pelas ruas 8 e 9 da Vila Campos Sales

Início na rua Jeronimo Tognolo

Término na rua Eva de Souza Santos

Vila Campos Sales

Obs.: Do decreto consta: Belmiro Dias da Silva (1888-1974) Cidadão Prestante. Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Leuro Péricles Gonçalves.

BELMIRO DIAS DA SILVA

Belmiro Dias da Silva nasceu na Freguesia de Sobrado, Concelho de Valongo, Distrito do Porto, Portugal, a 23-10-1888 e faleceu em Campinas, a 15-10-1974. Era filho de Joaquim Dias da Silva e Maria André dos Santos. Em 1903, deixou sua família, e veio para o Brasil a fim de juntar-se a seus três irmãos mais velhos. Imitando-os, entregou-se desde logo ao labor honesto e fecundo, estabelecendo-se com armazém de secos e molhados, a "Casa Dias", que era uma casa alegre, onde todos os dias, grande número de amigos ali se reunia e antes do almoço tomava um aperitivo. Depois de anos de muita luta, sua situação econômica tornou-se estável, realizando seu sonho de rever a velha terrinha, o que fez por três vezes: em 1910, em 1931 e em 1945. Gostando de ajudar, moral e financeiramente, quem se dispunha à luta com vontade de vencer, colaborou com muitas famílias da Vila Industrial, sempre com discrição, sem nunca alardear. Junto com seus irmãos, passou a construir casas e a vender, sempre por preços acessíveis e em parcelas que se perdiam de vista, permitindo assim, que operários e ferroviários da Mogiana de tornassem proprietários de imóveis. Não acumulou riquezas, porque as distribuiu. Foi esportista, ocupou o cargo de presidente do Conselho Deliberativo do Campinas Futebol Clube, fez seu "time" ser campeão da cidade, construiu a sede própria da entidade no coração da Vila Industrial e montou um serviço de auto-falantes, que deu vida ao bairro em certa época. Sempre foi muito prestativo e humano e dotado de admirável senso de justiça. ocupou cargos nas diretorias da Beneficência Portuguesa, Grêmio Português e Sociedade Luiz de Camões. Ainda hoje existe na avenida Sales Oliveira, na Vila Industrial, que defronte aos portões do pátio da Cia. Mogiana, o Beco Manoel Dias, com as trinta casas construídas e vendidas pelos irmãos Belmiro, Manoel, Augusto e Alberto Dias da Silva.



DECRETO N.º 4648, DE 2 DE MAIO DE 1975.

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — OTÁVIO ROCHA — Jornalista ilustre — a Rua 1 da Vila Campos Sales, com início à Rua Santa Cruz do Rio Pardo e término à Avenida Baden Powell do mesmo loteamento.

II — ANGELO PADULA CASSANO 1919 - 1974) — Presidente da Casa de Saúde Campinas — a Rua 15 da Vila Campos Sales, com início à Rua 14 e término à Rua 16 do mesmo loteamento.

III — BELMIRO DIAS DA SILVA (1888 - 1974) — Cidadão prestante — a Rua 8 e 9 da Vila Campos Sales, com início à Rua 7 e término à Rua 36 do mesmo loteamento.

IV — VISCONDE DE CONGONHAS DO CAMPO (1767 - 1851) — Primeiro Presidente da Província de São Paulo — a Rua 10 da Vila Campos Sales, com início à Avenida São José dos Campos da Vila Campos Sales e término junto à divisa de propriedade da Fazenda Cachoeira.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PACO MUNICIPAL, 2 de maio de 1975

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES

Prefeito de Campinas

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO

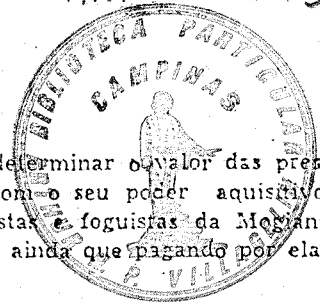
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º JAIR KALIFE

Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes dos protocolados n.ºs 30.942, de 14 de outubro de 1974; 33.171, de 18 de dezembro de 1974; 35.174, de 18 de dezembro de 1974 e 35.173, de 18 de dezembro de 1974, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 2 de maio de 1975.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete



O Beco Manoel Dias fica no bairro mais antigo de Campinas, a Vila Industrial. Ocupa todo um quarteirão, entre a avenida Sales de Oliveira e a Rua 24 de Maio. Para quem não conhece a região, pode passar despercebido. Porém, duas características fazem dele um lugar especial: A primeira delas: ele se formou no princípio do século e possui casas com mais de setenta anos. A segunda: tem os aluguéis mais baratos da cidade; habitações pelas quais os moradores pagam 250 cruzeiros mensais chegam a custar, em outras áreas, mil cruzeiros.

As casas do Beco — são trinta — foram construídas pelo português Manoel Dias da Silva a partir de 1902, quando a urbanização do cidade estava praticamente se iniciando. Embora o bairro tenha hoje a denominação de Vila Industrial, não havia indústrias; os cortumes que atualmente funcionam na área, foram instalados após a primeira guerra mundial. Havia apenas a estação da então Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que se encontra ainda no mesmo local, ao lado da avenida Sales de Oliveira.

Manoel Dias construía as casas e vendia para quem quisesse ou pudesse comprar. Tinha três irmãos — Augusto, Alberto e Belmiro Dias da Silva — que faziam o mesmo. Os quatro emigraram do Porto no final do século passado e pertenciam a uma família de agricultores. Eram onze filhos (quatro homens e sete mulheres) e a situação econômica era má; a maior parte das terras havia sido hipotecada.

Esperança

Augusto foi o primeiro a chegar. Manoel veio logo depois. E, em seguida, os outros dois. Montaram um serviço de transporte por carroças e após algum tempo puderam adquirir alguns terrenos na área onde a Mogiana instalaria sua estação. Tiveram sorte. A companhia comprou os lotes e pagou preço bom, o que permitiu aos quatro irmãos acumular o capital inicial.

As primeiras casas foram construídas lentamente. Eram pequenas e muitas delas ainda estão de pé no Beco Manoel Dias. Possuem quatro cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha. O banheiro fica nos fundos, fora do imóvel. O progresso foi-lhes acrescentando, depois as redes de esgoto e a luz elétrica. E hoje quase todas têm antenas de televisão penduradas em seus telhados.

Algumas moradias foram feitas sob encomenda. Mas várias delas eram negociadas só depois de concluídas. Mesmo com aqueles cuja capacidade financeira não aparentasse ser suficientemente elevada. "Quer comprar?", perguntava um dos irmãos Dias. "Mas não tenho dinheiro", respondia o possível comprador. "Não tem importância, a gente acerta depois". As vendas eram controladas por cadernetas iguais às que se utilizam atualmente nos pequenos armazéns e mercearias. E os com-

pradores podiam, às vezes, determinar o valor das prestações a pagar, de acordo com o seu poder aquisitivo. Isso permitiu que maquinistas e foguistas da Mogiana tivessem suas casas próprias, ainda que pagando por elas durante vários anos.

"Naquele tempo, havia mais confiança". José Moreira Dias, sobrinho dos quatro irmãos e atualmente com 77 anos, recorda com nostalgia "aquela época em que o companheirismo era maior". E lamenta que hoje, tudo tenha de ser feito "na ponta do lápis", com despesas muito maiores. "Agora, quem pode comprar casa própria se até o aluguel de uma casinha mixuruca come o salário-mínimo inteiro?"

O objetivo dos irmãos Dias, entretanto, não era construir um núcleo habitacional popular, no sentido que se dá atualmente a esta expressão. Não havia planejamento (nem mesmo urbano) e o Beco Manoel Dias é um exemplo disso com suas casas sem localização exata e que, às vezes, parecem amontoar-se umas às outras.

"Mas posso dizer que a maioria delas é bem melhor que essas habitações da Cohab", garante José Moreira Dias. "As moradias de hoje parecem ser feitas de papelão, mas essas de 40 ou 50 anos atrás têm muito tijolo e cimento nas paredes; tanto é que ainda permanecem firmes, de pé". Os irmãos Dias, segundo José, usavam material de construção de boa qualidade, "ao contrário de algumas construtoras de agora...".

Além da Vila Industrial, os quatro irmãos levantaram casas em outros pontos da cidade: algumas na atual avenida João Jorge, outras na Rua General Osório (que fica no centro de Campinas). No início, trabalhavam diretamente na construção, como pedreiros, auxiliados por parentes que iam saindo de Portugal para o Brasil. Depois, puderam contratar mão-de-obra operária.

O empreendimento durou cerca de quarenta anos. Só depois de velhos, sentindo-se cansados, os Dias da Silva deixaram de construir habitações, mas já com a vida estabilizada. Na Vila Industrial, diz José Moreira, "é mais fácil dizer quais casas não foram feitas por eles". E também igrejas, pois a primeira capela do bairro foi levantada pelos irmãos.

Dos quatro, atualmente, não resta nenhum. O último, Belmiro, morreu há dois anos, deixando casas para os seus dezessete sobrinhos. E da família de onze irmãos, a única viva é Carolina Dias, de 98 anos. Está doente, "mas ainda lúcida" segundo José Moreira.

Somente Manoel Dias, entre os homens, se casou. Teve cinco filhos e adotou mais dois. Emílio Dias é um deles. Tem 75 anos e mora na casa n.º 63 do Beco que leva o nome do padrao. Quinze dos imóveis existentes no local são seus; os outros pertencem aos irmãos.

Os inquilinos não se queixam muito. Alguns residem no local há quarenta anos e não querem se mudar, "pois o lugar é bom e o aluguel é baixo". E entre os que adquiriram imóveis dos quatro irmãos, há pessoas que ainda não possuem a escritura de compra e venda, embora sejam proprietários de fato. Prova de que a "confiança" ainda não morreu? "

Os Dias da Silva e seus descendentes — quase todos no Brasil — também se consideram satisfeitos. Com os investimentos e lucros dos quatro irmãos, puderam reaver as terras hipotecadas e atravessar várias vezes o Atlântico.

Alguns foram estudar na Europa e outros visitaram e revisitaram Portugal. Hoje, por causa disso, José Moreira Dias acha que "o Brasil é um país abençoado por Deus..."

(Extraído do Suplemento de domingo do jornal
"Correio Popular" de 31-julho-1977).

BIOGRAFIA DE BELMIRO DIAS DA SILVA



Nasceu em Portugal, Freguesia do Sobrado, Concelho de Valongo, Distrito do Porto, aos 25 de outubro de 1883.

Eram seus pais Joaquim Dias da Silva e Maria André dos Santos.

Em 1903, com apenas 15 anos de idade deixou seus pais e irmãs e veio para o Brasil juntar-se a seus três irmãos mais velhos, que já aqui estavam há alguns anos.

Imitando-os entrou logo no labor honesto e fecundo, com o fim primeiro de rever a pátria distante e abraçar os entes queridos, o que teve a ventura de fazer por três vezes: em 1910, em 1931 e em 1945.

Depois de anos de muito trabalho e ininterrupta atividade vieram os dias de bonança e radiante fecundidade e então, pôde vir à tona o verdadeiro Belmiro Dias da Silva.

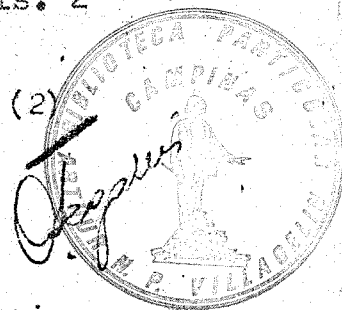
Livre dos graves problemas econômicos que oprimem o Homem e senhor de uma certa tranquilidade financeira, ele passou a ser um coração disponível e uma mão aberta.

Gostava de ajudar, moral e financeiramente, quando via alguém disposto à luta com vontade de vencer. Muitas vezes e para muitas famílias não esperava que o procurassem, ele ia oferecer-se para ajudar e o que a mão direita fazia, a esquerda não negava a saber, tao discreto era o gesto.

Era uma árvore frondosa que dava sombra a quem dela se aproximasse, daí o nome que ganhou - tio Belmiro.

Foi o tio da Vila Industrial, o bairro para aonde veio com apenas 15 anos, o bairro que cresceu com ele, o bairro que progrediu com ele, religiosa, social e economicamente. Viu famílias prosperarem e sentia imenso prazer com isso, viu filhas de operários e ferroviários doutorarem-se e era como se fossem da sua própria família.

O que o Banco Nacional da Habitação faz para,



tio Belmiro fazia há anos; vendia a casa e o comprador ia pagando com próprio aluguel.

Tinha um admirável senso de justiça não admitindo jamais ser explorado. Sua personalidade marcante rejeitava a falsidade.

Não acumulou riquezas porque distribuiu. Se fosse apresentar em 1974 a relação de seus bens, essa relação seria igual a dos anos de 40.

Foi comerciante, proprietário da " Casa Dias " armazem de secos e molhados. Sua casa de comércio era alegre, todos os dias podia-se ver um grande número de amigos, que antes de irem para o almoço vinham tomar um aperitivo com ele.

Era esportista, gostava de todo e qualquer esporte, mas o preferido mesmo era o futebol.

Ocupou o cargo de presidente do Conselho Deliberativo do Campinas F.C. e, naqueles áureos tempos, fez seu time ser campeão de Campinas. Construiu uma sede própria para o Clube bem no coração da Vila Industrial, com um Serviço de Auto-Falantes que deu vida ao bairro, nos tempos do " footing ".

Sempre emprestou sua colaboração aos movimentos esportivos pelo valor que dava ao esporte como meio educativo de um povo.

A pessoa humana tinha para ele um grande valor, razão pela qual a todos olhava com muito respeito e a todos atribuía grande dignidade.

Ocupou cargos na Beneficência Portuguesa, no Grêmio Português e na Sociedade Luís de Camões.

Era um católico autêntico tomando parte em todos os movimentos religiosos da cidade e muito mais ainda, na sua Paróquia de S. José que ele viu sair dos alicerces e chegar às torres e que para ele era a sua segunda casa.

Temente a Deus, tinha uma natural aceitação à Sua Santa Vontade como acontecia com a sua grande deficiência visual.

Foi um homem simples e feliz.

Nunca esperou gratidão e nunca sofreu com a ingratitude, pois o bem que praticava já era sua recompensa.

Vilense a toda prova, na Vila viveu a vida toda, na Vila empregou todo seu capital - tudo o que deixou está lá, no bairro operário.

Faleceu aos 15 dias do mês de outubro de 1974, aos 85 anos, na Beneficência Portuguesa de Campinas, cercado de todo o conforto e carinho de médicos, enfermeiros, amigos e parentes, deixando na Terra um exemplo de vida.

Cabe aqui transcrever um trecho de um artigo escrito pelo Dr. Ricardo Severo no livro "A Ação dos Portugueses no Brasil" :

" O que mais deve interessar ao Brasil, com expoente máximo desta ininterrupta infiltração da grei portuguesa, é a mística tradicional que ela em si transporta e que será sempre a pura linfa da " Etnia " nacional.

Imez Dias Almeida

